

Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro

Lição 11 "Os salmos de exaltação a Deus/Ação de graças" (2a. parte)

Salmos 98, 99, 100, 103, 104, 107, 111, 113, 115, 117, 135, 136, 138, 146, 147, 148, 149 e 150.

Elaborado por Gerson Berzins
(gerson@pibrj.org.br)

Queridos ouvintes: com gratidão a Deus pelo que Ele é e pelo que Ele fez em nosso favor, estamos juntos novamente para a continuação desse ciclo de estudos no livro de Salmos. Estamos hoje pensando nos salmos de exaltação a Deus e de ação de graças, em continuação ao estudo anterior. Continuamos também utilizando os comentários de Walter Brueggemann como base deste estudo.

Salmo 98 – O convite de abertura é para se entoar um novo cântico ao Senhor. É a mesma introdução do salmo 97. Porque um cântico novo é necessário? A novidade não deve ser apenas do canto em si, ainda que seu conteúdo possa ser inédito. A novidade do cântico deve estar firmada na obra sempre renovada das maravilhas do Senhor e, sobretudo, na nossa renovada disposição de exaltar ao Senhor de uma maneira e com uma intensidade maior que anteriormente. A salvação, a justiça e a misericórdia divina são razões para todos os habitantes da terra celebrarem ao Senhor, juntando vozes e instrumentos para exaltá-lo. A natureza, representada pelo mar, rios e montes, estarão também se juntando nesta expressão universal e total de reconhecimento da plenitude da justiça e do poder divino.

O Salmo 100 nos leva para dentro do templo do Senhor, convidando-nos para “entrar pelas suas portas com ação de graças e nos seus átrios com louvor...” (v.4). O ensino sobre a exaltação ao Senhor nos deve motivar a nos mover em direção a Ele para o adorarmos, reconhecendo a sua benignidade que dura para sempre.

Salmo 103 – Este é um dos mais completos salmos de ação de graças que temos. Além da sua beleza literária, como rico exemplo da poesia hebraica, com suas muitas afirmações em paralelismo, o salmo, na profundidade do seu ensino, nos convida a seriamente refletir sobre a ação de graças devida à fonte de toda benção.

O salmista começa por convidar a si mesmo a bendizer ao Senhor. Parece estranho, como que o salmista desejando sacudir o seu próprio eu e o despertar para a adoração. Mais do que isto, o salmista deseja convencer a si mesmo de que todo o seu ser em unísono deve se voltar para a gratidão a Deus, pois razões há mais que suficientes para tal, como lembrado nos versos 2 a 6. O importante é que como Davi não nos esqueçamos “de nenhum dos seus benefícios.” (v.2).

A partir do verso 8 o autor trabalha com pensamentos colocados em contraste para realçar os seus argumentos em prol da ação de graças.

Lembrando-se da misericórdia e da compaixão divina, Davi utiliza uma série de negativas para contrastar a nossa condição humana de pecado com a graça de Deus, pois Ele “Não repreenderá perpetuamente, nem para sempre conservará a sua ira. Não nos trata segundo os nossos pecados, nem nos retribui segundo as nossas iniquidades.” (v.9-10). O que deve ser ressaltado nesta expressão do autor é que o julgamento divino, assim como toda a ação de Deus não é pautada por uma linha de comportamento padrão. Ao contrário,

somos surpreendidos pela ação divina ocorrendo em uma direção inesperada. Levamos Deus à ira, mas não somos castigados eternamente. Pecamos contra Deus, mas não recebemos em retribuição aquilo que mereceríamos. Realmente, todo o nosso ser deve ser despertado para incansavelmente bendizer a este Deus.

Mas não é só isto. Vamos para os versos 14 a 17, e vemos Davi construir outro pensamento contrastado, que nos é muito precioso atentar. Ele lembra a brevidade e insignificância da vida humana: “ Pois ele...lembra-se de que somos pó. Quanto ao homem, os seus dias são como a erva; como a flor do campo, assim ele floresce. Pois, passando por ela o vento, logo se vai, e o seu lugar não a conhece mais.”

No entanto, a graça de Deus nos resgata dessa limitada vida como o salmista conclui: “Mas é de eternidade a eternidade a benignidade do senhor sobre aqueles que o temem...” Por nos, pela nossa vontade, pela nossa capacidade, o que somos? É somente pelos desígnios divinos que alcançamos a eternidade, e por isso todos são convocados para bendizer ao Senhor: os anjos que estão sob seu comando (v.20); os seus exércitos e ministros (v.21); as obras do Senhor, de todos os lugares do seu domínio (v.22); mas, sobretudo, é necessário trazer para o eu individual de cada um de nós o mandamento final: “Bendize, ó minha alma ao Senhor!” (v.22)

Mais uma Ação de graças de Davi encontramos no Salmo 138. O testemunho do que Deus fez é o moto desta gratidão: “No dia em que eu clamei, atendeste-me; alentaste-me, fortalecendo a minha alma.” (v.3) e por isso o salmista pode testemunhar na presença dos deuses, e cantar louvores. A razão da gratidão não está apenas no que Deus fez no passado, mas na certeza de que Ele continuamente está amparando o seu servo: “Embora eu ande no meio da angústia, tu me vivificas; contra a ira dos

meus inimigos estendes a tua mão, e a tua destra me salva.” (v.7)

O livro de salmos se encerra com uma série de 5 convites à adoração, utilizando o imperativo “Louvai ao Senhor.” Estes 5 salmos finais, a partir do 146, fecham o livro nos reforçando o convite para a continuada exaltação ao Senhor nosso Deus. Bob Deffingbaugh nos lembra que exaltação é muito diferente de gratidão. Exaltação eleva o exaltado, a gratidão não. O que exalta está centralizado no exaltado. O que agradece não. Exaltação envolve liberdade e espontaneidade. Gratidão envolve obrigação. Exaltação sempre ocorre em público. Gratidão é essencialmente privativa. Exaltação é feita alegremente. Gratidão é feita como dever. Gratidão se reduz a uma palavra: obrigado. Exaltação não pode ser expressa assim tão simplesmente. É para esta exaltação que os 5 salmos finais nos convocam, com o repetido imperativo de louvar ao Senhor.

Fiquemos com o salmo 150. A convocação desta doxologia final não apresenta nenhuma razão do porque louvar ao Senhor. Há apenas a ordem. Em 6 versos, por 12 vezes o chamamento se repete: “Louvai ao Senhor.” É a convocação para todas as criaturas louvarem, adorarem, agradecerem e se colocarem em temor diante de Deus, de modo espontâneo e sem reservas. Incluamo-nos nesta convocação: “Tudo quanto tem fôlego louve ao Senhor. Louvai ao Senhor!” (v.6)